

Informe Macroeconômico

05 a 09/08/2024 - Ano 4 | Nº 147



Destaques

- Crescimento da produção Soja no Nordeste deverá ultrapassar a nacional puxado por Piauí e Maranhão na Safra 2024:** A estimativa de produção de grãos no Nordeste deverá alcançar 26,0 milhões de toneladas na Safra de 2024. Entre os principais cereais, destacam-se em crescimento a soja (+557,0 mil t e variação de +3,8%), feijão (+147,2 mil t; +31,3%), algodão (+34,2 mil t; +1,8%) e amendoim (+480 t; +4,4%). Entre os estados da Região, as estimativas de crescimento na produção de soja serão no Piauí (+436,0 mil t; +12,9%;) e no Maranhão (+158,0 mil t; +4,2%;).
- Balança comercial do agronegócio nordestino apresenta superavit de US\$ 5,09 bilhões no primeiro semestre de 2024:** O As exportações do agronegócio nordestino somaram US\$ 6,30 bilhões, queda de 1,0%, e as importações, US\$ 1,21 bilhão, incremento de 15,3%, no período comparativo em análise. A balança comercial do agronegócio ficou, portanto, superavitária em US\$ 5,09 bilhões, enquanto o déficit dos demais setores atingiu US\$ 7,71 bilhões.
- Em junho de 2024, o Nordeste foi a única Região com variação negativa na cesta básica:** Em junho, a Cesta Básica do Nordeste registrou a menor variação no mês (-3,06%), mas no ano (+9,35) a variação ainda é a maior entre as Regiões. Em contrapartida, na variação em doze meses terminados em junho, a Região possui a menor variação, +0,78%. O tomate, que tem aumento considerável no ano (+50,7%), caiu em junho -13,6%.
- Indústria do Nordeste avança em maio de 2024:** Em maio, a indústria do Nordeste assinalou taxa mensal positiva (3,1%), enquanto a média nacional recuou, -1,0%, frente a igual mês de 2023. Na verdade, favorecidas pela reduzida base de comparação, as taxas mensais da Região foram positivas em quase todos os 5 primeiros meses de 2024, com exceção de março.
- Desempenho fiscal do Governo Federal em maio de 2024:** O Governo Central (Tesouro Nacional, Banco Central e Previdência Social), foi deficitário em R\$ 61,0 bilhões, a preços correntes, o segundo pior resultado para esse mês, na série histórica iniciada em 1997, bem acima do déficit de R\$ 45,0 bilhões obtido em maio de 2023. Dentre as razões que explicam essa expansão das despesas destacam-se o pagamento do décimo 13º do INSS e os gastos com a calamidade no Rio Grande do Sul.

Projeções Macroeconômicas - Boletim Focus - consulta realizada 30/07/2024

Mediana - Agregado - Período	2024	2025	2026	2027
IPCA (%)	4,10	3,96	3,60	3,50
PIB (% de crescimento)	2,19	1,94	2,00	2,00
Taxa de câmbio - fim de período (R\$/US\$)	5,30	5,25	5,25	5,23
Meta Taxa Selic - fim de período (% a,a)	10,50	9,50	9,00	9,00
IGP-M (%)	3,52	4,00	4,00	3,70
Preços Administrados (%)	4,59	3,90	3,50	3,50
Conta Corrente (US\$ Bilhões)	-39,45	-43,50	-45,10	-47,85
Saldo da Balança Comercial (US\$ Bilhões)	82,00	78,50	80,00	80,11
Investimento Direto no País (US\$ Bilhões)	69,59	71,60	79,41	80,00
Dívida Líquida do Setor Público (% do PIB)	63,70	66,00	68,38	70,20
Resultado Primário (% do PIB)	-0,70	-0,70	-0,53	-0,31
Resultado Nominal (% do PIB)	7,30	-6,50	-6,00	-6,00

ESCRITÓRIO TÉCNICO DE ESTUDOS ECONÔMICOS DO NORDESTE - ETENE | Gerente de Ambiente: Tibério Rômulo Romão Bernardo. Célula de Estudos e Pesquisas Macroeconômicas. Gerente Executivo: Allisson David de Oliveira Martins. Equipe Técnica: Adriano Sarquis Bezerra de Menezes, Antônio Ricardo de Norões Vidal, Hellen Cristina Rodrigues Saraiva Leão, Laura Lúcia Ramos Freire, Liliane Cordeiro Barroso e Wellington Santos Damasseno. Célula de Gestão de Informações Econômicas. Gerente Executivo: Marcos Falcão Gonçalves. Equipe Técnica: Projeto Gráfico/ Diagramação: Gustavo Bezerra Carvalho, Revisão Vernacular: Hermano José Pinho. Estagiário: Jose Wilker de Sousa Martins. Jovem Aprendiz: Maria Eduarda Rodrigues Borges e Pedro Ícaro Borges de Souza.

Aviso Legal: O BNB/Etene não se responsabiliza por quaisquer atos/decisões tomadas com base nas informações disponibilizadas por suas publicações e projeções. Desse modo, todas as consequências pelo uso de quaisquer dados ou análises desta publicação serão de responsabilidade exclusivamente do usuário, eximindo o BNB de todas as ações decorrentes do uso deste material. O acesso a essas informações implica a total aceitação deste termo de responsabilidade. Os conceitos e opiniões emitidos nesse documento não refletem necessariamente o ponto de vista do BNB. É permitida a reprodução das matérias, desde que seja citada a fonte.

Crescimento da produção Soja no Nordeste deverá ultrapassar a nacional puxado por Piauí e Maranhão na Safra 2024

A estimativa para 2024 aponta produção de grãos no País de 295,8 milhões de toneladas, quebra de safra em -6,2% frente ao ano de 2023, devido às safras de verão, segundo o Levantamento Sistemático da Produção Agrícola do IBGE. Regionalmente, Centro-Oeste (-12,8%) apresenta maior perda de safra, devido ao impacto das condições climáticas, marcado com ausências de chuva e altas temperaturas na Região, assim, resultando perda de -19,5 milhões de toneladas de grãos. Em seguida, registra-se também redução da produção de grãos no Sudeste (-11,4%) e Nordeste (-3,4%).

No entanto, a estimativa da produção de grãos apresentou variação anual positiva para o Norte (+9,8%) e o Sul (+4,8%). Segundo informações do IBGE, a produção recorde de grãos na Região Sul já tinha maior parte das lavouras colhidas, e, os números não refletem ainda o que no campo foi afetado.

Na Região Nordeste, a estimativa de produção de grãos deverá alcançar 26,0 milhões de toneladas na Safra de 2024, registrando quebra de safra em -3,4%, em decorrência, principalmente, pela redução da produção de milho na Região, perda de -1,6 milhão de toneladas do grão, ante ao período anterior.

No Nordeste, cinco estados devem apresentar ganhos na produção de grãos na Safra 2024. Em relação ao período anterior, Ceará se destaca com maior acréscimo na produção de grãos na Região, aumento em 257,0 mil toneladas, seguido por Pernambuco (+140,8 mil t) e Paraíba (+115,1 mil t). Também agregaram no incremento na produção regional de grãos: Alagoas (+65,5 mil t) e Rio Grande do Norte (+6,4 mil t), vide Tabela 1.

Quanto ao crescimento na produção de grãos frente à safra passada, Paraíba deverá apresentar maior progresso, aumento em +186,3%, frente à Safra passada, seguido por Pernambuco (+145,9%), Ceará (+54,0%), Alagoas (+49,6%) e Rio Grande do Norte (+16,6%). Salienta-se que as estimativas irão se adequando à medida que novas informações de área plantada vão sendo registradas nos próximos levantamentos mensais agrícolas.

Dentre os grandes produtores de grãos do Nordeste, Bahia lidera como o maior produtor regional de grãos, com participação em 43,4% da produção de grãos na Região. Na sequência, Maranhão (25,0%), Piauí (22,6%), que, somados os três estados representam cerca de 91,0% do total da produção regional de grãos na Safra de 2024.

Entre os principais cultivos de grão na Região, na Safra 2024, deverão se destacar em crescimento a soja que obteve acréscimo de +557,0 mil toneladas, cuja variação será +3,8%, superior à média nacional, que possivelmente deverá apresentar quebra de safra em 2024 (Tabela 2). Na sequência, feijão (aumento em 147,2 mil toneladas; crescimento relativo de +31,3%), algodão (acrécimo de 34,2 mil toneladas; +1,8%) e amendoim (+480 toneladas; +4,4%).

Desta forma, o ranking regional de produção de grãos na Safra 2024 deverá despontar a produção de soja, alcançando 15,3 milhões de toneladas do grão, seguido por milho (8,2 milhões de toneladas, mesmo diante de quebra de safra de -16,4%, perda de 1,6 milhão de toneladas), algodão (1,9 milhão de toneladas) e feijão (618,2 mil toneladas).

Considerando os principais produtos agrícolas, os resultados para a Safra de 2024 são bastante desafiadores. No Nordeste, destacam-se em crescimento da produção as culturas de castanha-de-caju, que além do aumento em +14,4%, participa em média com 99,5% da produção nacional de castanha-de-caju. Na sequência, têm-se os crescimentos de fumo (+11,5%), café (+7,0%), cacau (+2,7%, participação de 41,9% da produção nacional), banana (+2,0%, participação de 35,7% da produção nacional), mandioca (+1,6%) e batata-inglesa (+0,9%), vide Tabela 2.

Soja

Nacionalmente, a estimativa será quebra de safra na produção nacional de soja, que em média, deverá reduzir a produção de soja em -3,4%, frente à safra passada. Neste período, entre os produtores com expectativa de crescimento estarão Rio Grande do Sul, acréscimo de 7,5 milhões de toneladas e que deverá crescer +59,8%, seguido por Pará (+1.0 milhão toneladas, +33,2%), Piauí (+436 mil toneladas, +12,9%) e Maranhão (+158,0 mil toneladas, +4,2%), vide (Tabela 3).

A soja, o principal produto cultivado no Nordeste, deverá crescer +3,8% frente à safra passada, aumento de +557,0 mil toneladas. Este resultado é atribuído às estimativas de produções de soja nos estados do Piauí e do Maranhão, que foram beneficiados tanto pela semeadura mais tardia, assim, aproveitando das precipitações que têm favorecido o desenvolvimento do plantio da soja nessas áreas produtoras, quanto pelo aumento significativo de área cultivada com soja nesses dois estados (crescimento da área plantada de +15,2% no Piauí e de 8,1% no Maranhão), fundamentada pela abertura de novas áreas e pelo deslocamento de áreas cultivadas com milho na safra anterior.

Nos estados da Região, as estimativas de crescimento na produção de soja no Piauí (+12,9%) e no Maranhão (+4,2%) são reflexos do crescimento da área plantada, ganho de produtividade e condições de clima e de solo favoráveis ao desenvolvimento do plantio de soja nestas áreas produtoras na Região Nordeste.

Já na Bahia, a estimativa será de quebra na produção de soja em -0,4%, frente à safra passada (redução em -33,8 mil toneladas), justificada pela irregularidade hídrica e altas temperaturas que acarretaram perdas na fase inicial do plantio de soja no Estado.

Tabela 1 - Brasil, Regiões e Estados do Nordeste: Produção de grãos (t), participação (%) e variação (%) – 2024

Brasil e Grandes Regiões	Safra 2023		Safra 2024		Variação entre as Safras 2024 e 2023	
	Produção (t)	Part. (%)	Produção (t)	Part. (%)	Absoluta	Relativa (%)
Norte	16.824.740	5,33	18.477.483	6,25	1.652.743	9,8%
Nordeste	26.961.133	8,55	26.053.996	8,81	-907.137	-3,4%
Maranhão	6.537.881	2,07	6.522.834	2,20	-15.047	-0,2%
Piauí	6.442.898	2,04	5.884.868	1,99	-558.030	-8,7%
Ceará	475.580	0,15	732.597	0,25	257.017	54,0%
Rio Grande do Norte	37.873	0,01	44.274	0,01	6.401	16,9%
Paraíba	61.839	0,02	177.033	0,06	115.194	186,3%
Pernambuco	96.527	0,03	237.374	0,08	140.847	145,9%
Alagoas	131.923	0,04	197.419	0,07	65.496	49,6%
Sergipe	1.028.554	0,33	956.513	0,32	-72.041	-7,0%
Bahia	12.148.058	3,85	11.301.084	3,82	-846.974	-7,0%
Sudeste	30.669.768	9,72	27.187.819	9,19	-3.481.949	-11,4%
Sul	79.862.018	25,32	83.707.748	28,29	3.845.730	4,8%
Centro-Oeste	161.068.641	51,07	140.423.269	47,46	-20.645.372	-12,8%
Brasil	315.386.300	100,00	295.850.315	100,00	-19.535.985	-6,2%

Fonte: Elaboração BNB/Etene, com dados do IBGE (2024).

Tabela 2 - Brasil e Nordeste: Produção das principais culturas – 2024

Principais Lavouras	Brasil			Nordeste			Part. (%) NE / BR 2022
	Safra 2023	Safra 2024	Var. (%)	Safra 2023	Safra 2024	Var. (%)	
Cereais, leguminosas...	315.386.300	295.850.315	-6,2	26.961.133	26.053.996	-3,4	8,8
Algodão	7.733.764	8.490.232	9,8	1.937.501	1.971.771	1,8	23,2
Amendoim	862.821	901.756	4,5	11.004	11.484	4,4	1,3
Arroz	10.282.517	10.704.925	4,1	351.877	338.615	-3,8	3,2
Feijão	2.951.728	3.216.963	9,0	470.960	618.223	31,3	19,2
Mamona	33.556	31.062	-7,4	33.268	30.012	-9,8	96,6
Milho	131.085.011	113.654.770	-13,3	9.863.382	8.248.619	-16,4	7,3
Soja	151.963.045	146.841.982	-3,4	14.756.410	15.313.477	3,8	10,4
Sorgo	4.307.118	3.857.233	-10,4	257.244	255.968	-0,5	6,6
Trigo	7.753.911	9.591.440	23,7	35.112	34.818	-0,8	0,4
Banana	6.862.774	6.874.825	0,2	2.404.532	2.453.306	2,0	35,7
Batata - inglesa	4.248.474	4.262.444	0,3	331.764	334.587	0,9	7,8
Cacau	290.630	294.453	1,3	120.045	123.303	2,7	41,9
Café	3.418.554	3.653.321	6,9	247.349	264.675	7,0	7,2
Cana-de-açúcar	713.293.700	714.102.171	0,1	56.864.670	56.303.411	-1,0	7,9
Castanha-de-caju	116.829	133.395	14,2	116.014	132.744	14,4	99,5
Fumo	694.895	631.895	-9,1	25.455	28.375	11,5	4,5
Laranja	15.482.662	15.326.979	-1,0	1.131.685	1.095.364	-3,2	7,1
Mandioca	19.133.751	18.849.582	-1,5	4.174.843	4.241.385	1,6	22,5
Tomate	3.915.209	4.257.349	8,7	492.788	478.116	-3,0	11,2
Uva	1.719.630	1.447.201	-15,8	513.048	460.759	-10,2	31,8

Fonte: Elaboração BNB/Etene, com dados do IBGE (2024).

Tabela 3 - Brasil, Regiões e Estados do Nordeste: Produção de soja (t), participação (%) e variação (%) – 2024

Brasil e Grandes Regiões	Safr 2023		Safr 2024		Variação das Safras 2024 e 2023	
	Produção (t)	Part. (%)	Produção (t)	Part. (%)	Absoluta	Relativa (%)
Norte	10.054.968	6,6	10.907.640	7,4	852.672	8,5%
Rondônia	2.131.535	1,4	2.147.540	1,5	16.005	0,8%
Acre	45.732	0,0	61.320	0,0	15.588	34,1%
Roraima	453.600	0,3	276.696	0,2	-176.904	-39,0%
Pará	3.115.907	2,1	4.149.364	2,8	1.033.457	33,2%
Amapá	19.536	0,0	20.200	0,0	664	3,4%
Tocantins	4.288.658	2,8	4.252.520	2,9	-36.138	-0,8%
Nordeste	14.756.410	9,7	15.313.477	10,4	557.067	3,8%
Maranhão	3.765.180	2,5	3.923.185	2,7	158.005	4,2%
Piauí	3.387.609	2,2	3.823.687	2,6	436.078	12,9%
Ceará	19.113	0,0	17.995	0,0	-1.118	-5,8%
Alagoas	18.568	0,0	16.510	0,0	-2.058	-11,1%
Bahia	7.565.940	5,0	7.532.100	5,1	-33.840	-0,4%
Sudeste	13.370.561	8,8	12.056.057	8,2	-1.314.504	-9,8%
Minas Gerais	8.459.161	5,6	7.668.613	5,2	-790.548	-9,3%
Rio de Janeiro	-	-	3.077	0,0	-	-
São Paulo	4.911.400	3,2	4.384.367	3,0	-527.033	-10,7%
Sul	38.120.756	25,1	41.737.637	28,4	3.616.881	9,5%
Paraná	22.455.000	14,8	18.570.200	12,6	-3.884.800	-17,3%
Santa Catarina	2.972.269	2,0	2.885.251	2,0	-87.018	-2,9%
Rio Grande do Sul	12.693.487	8,4	20.282.186	13,8	7.588.699	59,8%
Centro-Oeste	75.660.350	49,8	66.827.171	45,5	-8.833.179	-11,7%
Mato Grosso do Sul	14.193.250	9,3	11.289.667	7,7	-2.903.583	-20,5%
Mato Grosso	44.462.908	29,3	39.101.841	26,6	-5.361.067	-12,1%
Goiás	16.749.192	11,0	16.144.963	11,0	-604.229	-3,6%
Distrito Federal	255.000	0,2	290.700	0,2	35.700	14,0%
Brasil	151.963.045	100,0	146.841.982	100,0	-5.121.063	-3,4%

Fonte: Elaboração BNB/Etene, com dados do IBGE (2024).

Balança comercial do agronegócio nordestino apresenta superavit de US\$ 5,09 bilhões no primeiro semestre de 2024

As exportações brasileiras do agronegócio totalizaram US\$ 82,39 bilhões, no primeiro trimestre de 2024, registrando ligeira queda de 0,4%, frente a mesmo período de 2023. Já as importações alcançaram US\$ 9,51 bilhões, registrando expansão de 14,2%. O saldo da balança comercial foi positivo em US\$ 72,88 bilhões, enquanto nos demais setores, o resultado foi negativo (-US\$ 30,57 bilhões). O agronegócio representou 49,2% das exportações e 7,6% das importações totais brasileiras.

Os principais setores do agronegócio exportados pelo País, no acumulado até junho de 2024, foram: Complexo soja (US\$ 33,53 bilhões – 40,7% da pauta), Carnes (US\$ 11,81 bilhões – 14,3%) e Complexo sucroalcooleiro (US\$ 9,22 bilhões – 11,2%). Juntos, responderam por 66,2% do total das vendas externas do agronegócio. Relativamente ao mesmo período do ano anterior, as vendas dos produtos do Complexo soja decresceram 17,6%. A soja em grãos, responsável por 83,2% (US\$ 27,91 bilhões) do total do complexo, registrou queda nas vendas de 16,4%, devido à redução no preço médio, enquanto a quantidade embarcada aumentou 2,2%, alcançando 64,1 milhões de toneladas). Já as exportações de carnes cresceram 1,6%, no período em análise. A carne bovina representou 48,1% do total, registrando crescimento de 16,9% nas vendas, no período. As exportações de carne de frango (38,6%) e a carne suína (10,8%) apresentaram queda de 10,1% e 8,6%, respectivamente. As vendas dos produtos do Complexo sucroalcooleiro aumentaram 54,1%. O Açúcar representou 93,9% do total, crescimento de 62,8% na receita e 49,1% na quantidade exportada.

Em relação às importações, destacaram-se, no período: Cereais, farinhas e preparações (US\$ 1,97 bilhão – 20,7% da pauta), Produtos oleaginosos (exclui soja) (US\$ 0,88 bilhão – 9,2%) e Pescados (US\$ 0,82 bilhão – 8,6%) perfazendo 38,5% das aquisições do agro brasileiro. Relativamente ao mesmo período do ano passado, as compras de Cereais, farinhas e preparações, de Produtos oleaginosos e de Pescados cresceram 10,4%, 22,0% e 10,2%, respectivamente.

As exportações do agronegócio nordestino somaram US\$ 6,30 bilhões, queda 1,0%, e as importações, US\$ 1,21 bilhão, incremento de 15,3%, no período comparativo em análise. A balança comercial do agronegócio ficou, portanto, superavitária em US\$ 5,09 bilhões, enquanto o déficit dos demais setores atingiu US\$ 7,71 bilhões.

O agronegócio da Região representou 56,4% das exportações e 8,8% das importações totais nordestinas. A Região contribuiu com 7,6% do total das exportações e absorveu 12,7% do total das aquisições dos produtos comercializados pelo agronegócio brasileiro, nos seis primeiros meses de 2024.

O principal setor da pauta exportadora do agronegócio nordestino, no acumulado até junho de 2024, foi o Complexo soja com 42,1% (US\$ 2.652,2 milhões) de participação. Relativamente ao mesmo período do ano anterior, as vendas recuaram 17,5%. Soja é o principal produto do complexo com 86,2% de participação. O volume embarcado do grão caiu 1,6%, somando 5,23 milhões de toneladas e o valor exportado recuou 17,4%, atingindo US\$ 2,34 milhões.

O segundo principal setor, em valor exportado no período, foi Produtos florestais com US\$ 1.167,3 milhões, representando 18,5% do total exportado pelo agronegócio nordestino. Comparativamente ao mesmo período de 2023, as vendas cresceram 26,1% e a quantidade embarcada 6,7%. Sendo a celulose, o principal produto comercializado (99,2% do valor total).

O Complexo sucroalcooleiro (US\$ 780,3 milhões) ocupou o terceiro lugar entre os principais setores exportadores da Região, com 12,4% de participação e crescimento de 45,0% na receita e 21,4% na quantidade embarcada, devido, basicamente, às vendas de açúcar.

Pelo lado das importações, os destaques foram os setores de Cereais, farinhas e preparações (US\$ 517,7 milhões – 42,8% da pauta: Trigo, 67,8% foi o principal produto adquirido deste grupo, seguido de Arroz, 4,2%); Produtos oleaginosos, exclui soja (US\$ 207,0 milhões – 17,1%, principalmente Óleos vegetais) e Cacau e seu produtos (US\$ 145,0 milhões – 12,0%; basicamente, Produtos do cacau). No período comparativo em

foco, cresceram as aquisições de Cereais, farinhas e preparações (+8,8%), Produtos oleaginosos (exclui soja) (+31,6%) e Cacau e seus produtos (+5,7%).

A expectativa para os próximos meses é de leve crescimento nas exportações do agronegócio nordestino com aumento maior nas importações. Vale ressaltar, entretanto, que o setor sofre com as flutuações dos preços das commodities e da taxa de câmbio.

Tabela 1 – Brasil e Nordeste: Exportação, importação e saldo total, do agronegócio e demais setores –Jan-jun/2024 – em US\$ milhões

	Brasil			Nordeste		
	Exportação	Importação	Saldo	Exportação	Importação	Saldo
Agronegócio	82.388,3	9.511,6	72.876,7	6.301,8	1.209,3	5.092,4
Demais setores	85.220,3	115.787,1	- 30.566,8	4.874,8	12.583,1	- 7.708,4
Total	167.608,6	125.298,7	42.309,9	11.176,6	13.792,5	- 2.615,9

Fonte: Elaboração BNB/Etene, através do sistema AgroStat Brasil, a partir dos dados da Secex/MDIC. Dados coletados em jul/2024.

Tabela 2 – Brasil, Nordeste e Estados: Exportação, importação e saldo do agronegócio –jan-jun/2024/2023 – em US\$ milhões

UF / NE / BR	Exportação			Importação			Saldo
	Valor	Part. % no total das Exportações	Var. % Jan-jun 2024/2023	Valor	Part. % no total das Importações	Var. % Jan-jun 2024/2023	
Maranhão	1.614,4	62,6	-13,0	40,8	2,4	2,8	1.573,5
Piauí	578,4	95,8	-28,2	10,0	8,5	-41,4	568,5
Ceará	233,6	39,7	-8,1	221,4	15,2	17,8	12,2
R G do Norte	131,5	27,2	0,6	43,4	17,7	-1,1	88,1
Paraíba	45,4	58,1	5,8	81,6	17,9	8,2	- 36,2
Pernambuco	427,7	42,8	69,4	357,4	9,5	24,8	70,4
Alagoas	419,7	79,4	15,7	50,8	13,2	1,6	368,9
Sergipe	59,9	39,9	6,8	15,0	10,9	455,2	44,9
Bahia	2.791,1	54,1	12,6	388,9	7,0	12,6	2.402,2
Nordeste	6.301,8	56,4	1,0	1.209,3	8,8	15,3	5.092,4
Brasil	82.388,3	49,2	-0,4	9.511,6	7,6	14,2	72.876,7

Fonte: Elaboração BNB/Etene, através do sistema AgroStat Brasil, a partir dos dados da Secex/MDIC. Dados coletados em jun/2024.

Tabela 3 – Brasil, Nordeste e estados: Principais setores exportadores e importadores do agronegócio – Em % - Jan-jun/2024

UF/NE/BR	Principais Setores Exportadores	Principais Setores Importadores
Maranhão	Complexo soja (62,7%), Produtos Florestais (27,9%), Cereais, farinhas e preparações (3,7%)	Cereais, farinhas e preparações (51,3%), Produtos oleaginosos (exclui soja) (18,7%), Lácteos (13,5%)
Piauí	Complexo soja (88,1%), Cereais, farinhas e preparações (3,9%), Fibras e produtos têxteis (2,5%)	Cereais, farinhas e preparações (84,3%), Couros, produtos de couro e peleteria (9,7%), Produtos hortícolas, leguminosas, raízes e tubérculos (3,2%)
Ceará	Frutas (inclui nozes e castanhas) (26,1%), Demas produtos de origem vegetal (18,2%), Couros, produtos de couro e peleteria (17,1%)	Cereais, farinhas e preparações (55,3%), Produtos oleaginosos (exclui soja) (26,2%), Frutas (inclui nozes e castanhas) (4,6%)
Rio G. do Norte	Frutas (inclui nozes e castanhas) (58,9%), Complexo sucroalcooleiro (14,8%), Fibras e produtos têxteis (10,4%)	Cereais, farinhas e preparações (56,5%), Lácteos (13,2%), Fibras e produtos têxteis (7,9%)
Paraíba	Complexo sucroalcooleiro (74,0%), Sucos (13,4%), Frutas (inclui nozes e castanhas) 6,3%)	Cereais, farinhas e preparações (70,9%), Lácteos (9,0%), Pescados (4,5%)
Pernambuco	Complexo sucroalcooleiro (71,6%), Frutas (inclui nozes e castanhas) (22,8%), Sucos (1,2%)	Cereais, farinhas e preparações (44,8%), Produtos oleaginosos (exclui soja) (18,6%), Produtos hortícolas, leguminosas, raízes e tubérculos (8,7%)
Alagoas	Complexo sucroalcooleiro (97,8%), Fumo e seus produtos (1,6%), Sucos (0,2%)	Produtos hortícolas, leguminosas, raízes e tubérculos (21,8%), Pescados (17,0%), Produtos oleaginosos (exclui soja) (16,9%)
Sergipe	Sucos (78,8%), Demas produtos de origem vegetal (9,4%), Complexo sucroalcooleiro (4,9%)	Cereais, farinhas e preparações (70,9%), Sucos (10,7%), Demais produtos de origem vegetal (4,1%)
Bahia	Complexo soja (40,5%), Produtos florestais (25,6%), Fibras e produtos têxteis (15,2%)	Cacau e seus produtos (36,4%), Cereais, farinhas e preparações (28,4%), Produtos oleaginosos (exclui soja) (16,2%)
Nordeste	Complexo soja (42,1%), Produtos Florestais (18,5%), Complexo sucroalcooleiro (12,4%)	Cereais, farinhas e preparações (42,8%), Produtos oleaginosos (exclui soja) (17,1%), Cacau e seus produtos (12,0%)
Brasil	Complexo soja (40,7%), Carnes (14,1%), Complexo sucroalcooleiro (11,2%)	Cereais, farinhas e preparações (20,7%), Produtos oleaginosos (exclui soja) (9,2%), Pescados (8,6%)

Fonte: Elaboração BNB/Etene, através do sistema AgroStat Brasil, a partir dos dados da Secex/MIDC. Dados coletados em jul/2024.

Em junho de 2024, o Nordeste foi a única Região com variação negativa na cesta básica

A Cesta Básica é calculada pelo Dieese em 17 capitais, e diante da estratificação de renda da população brasileira, é instrumento importante para acompanhar a evolução dos preços dos alimentos básicos. Na Região Nordeste, em torno de 63,4% dos trabalhadores cadastrados na Rais, ganham até 2 salários mínimos, e 75,4% até 3 (Rais, 2022). São nessas famílias em que o orçamento com gastos com alimentos, habitação e transporte, consomem boa parte da renda. Cabe destacar que quatro produtos da cesta básica representam 70,0% do valor total: carne, tomate, pão e banana.

A Cesta Básica do Nordeste atualmente é a de menor valor entre as regiões. Vale dizer que o Nordeste e o Norte não têm o item batata. Assim, as Cestas destas Regiões foram em junho de 2024, R\$ 625,45 e R\$ 695,57, respectivamente. Mesmo incluindo a batata, que valia R\$ 44,12 (Brasil), continuariam ainda com os menores preços, R\$ 669,58 e R\$ 739,69. A cesta básica de Fortaleza foi a de maior valor (R\$ 697,32), acima da média em 11,5% e 24,1%, que a menor (Aracaju).

Em junho, sete capitais registraram reduções em suas cestas, sendo seis no Nordeste, mais Vitória (-0,76%). As variações na Região ficaram entre -1,58% (Salvador) e -6,38% (Natal). As outras variações foram: Recife (-5,75%), João Pessoa (-3,76%), Fortaleza (-1,77%) e Aracaju (+3,04%). Entre as Regiões, o Nordeste (-3,06%) registrou a menor variação, seguido pelo Centro-Oeste (+0,39%), Norte (+0,66%), Sudeste (+1,17%), Sul (+1,30) e Brasil (+0,13%).

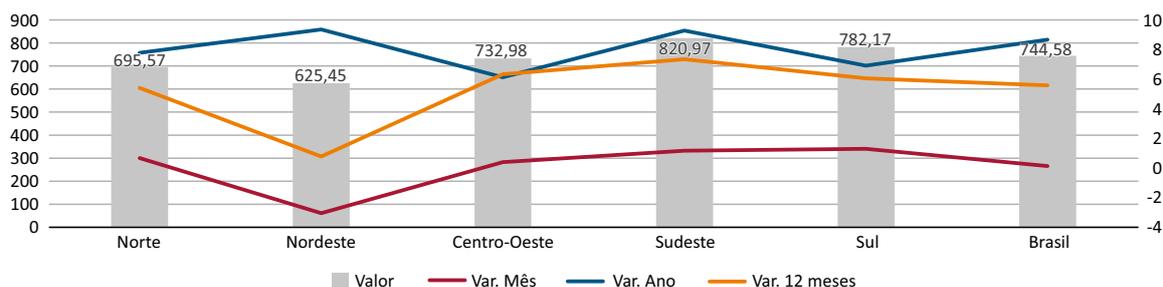
A variação negativa na cesta básica nordestina se explica pelas reduções no tomate (-13,6% e impacto de -2,3 p.p.), carne (-1,3% e impacto de -0,4 p.p.) e a banana (-2,6% e impacto de -0,3 p.p.), que juntas representam 95,9% do índice da Região. Cabe destacar os aumentos no café (+8,5%) e no leite (+6,0%). O tomate variou entre -3,7% (Fortaleza) e -29,8% (Natal).

No ano, todas as Regiões estão com aumentos em suas cestas básicas, e a variação, comparada com a variação em doze meses, está muito alta. No ano, em junho de 2023, o índice na média brasileira era -0,01%, e hoje está em +8,66%. Os aumentos são maiores que a variação do IPCA. Exemplo, enquanto as cestas do Nordeste e Brasil cresceram +9,35% e +8,66%, respectivamente, o IPCA aumentou +2,82% e +2,51, nessa ordem. Alimentação no domicílio, do IPCA nordestino, cresceu +5,9%.

O crescimento de +9,35% na Região Nordeste foi impactado pelos aumentos no tomate (+50,7%), arroz (+17,8%) e banana (20,9%), que representam 109,1% da variação total. Cabe destacar a redução na carne (-1,0%).

Em doze meses, terminados em junho de 2024, a Região Nordeste registrou a menor variação (+0,78%). A maior variação foi no Sudeste (+7,34%), seguido pelo Centro-Oeste (+6,33%) e o Sul (+6,05%). A cesta básica nordestina comparada com o IPCA da Região (+3,88%) é menor. O subgrupo Alimentação no domicílio é +3,7%. Os principais aumentos da banana (+32,1%), arroz (+3,1%) e café (+19,8%). No sentido inverso, cabe destacar a redução no preço da carne (-5,8%) e do feijão (-17,9%). A banana variou entre +19,5% (Recife) e +42,8% (Salvador). A carne variou entre -8,0% (Aracaju) e -14,3% (Natal). O feijão entre -17,6% (Natal) e -4,9% (Fortaleza).

Gráfico 1 – Cesta Básica Valor e variação (%) – Brasil e Regiões – junho, ano e doze meses - 2024.



Fonte: Elaboração BNB/Etene, com dados do Dieese (2024).

Tabela 1 – Cesta Básica (%) – Nordeste e Capitais pesquisadas na Região – Valor e variação no mês, ano e doze meses terminados em junho de 2024.

Capitais/Região	Valor (R\$ 1,00)	% - Mês	% - Ano	% - 12 meses
FORTALEZA	697,32	-1,8	10,6	5,5
ARACAJU	561,95	-3,0	8,6	-0,9
JOÃO PESSOA	597,31	-3,8	10,1	-1,3
NATAL	599,28	-6,4	7,8	-5,2
RECIFE	582,89	-5,8	8,3	-6,2
SALVADOR	613,20	-1,6	9,3	2,9
NORDESTE	625,45	-3,1	9,3	0,8

Fonte: Elaboração BNB/Etene, com dados do Dieese (2024).

Indústria do Nordeste avança em maio de 2024

Em maio, a indústria do Nordeste assinalou taxa mensal positiva (3,1%), enquanto a média nacional recuou, -1,0%, frente a igual mês de 2023. Na verdade, favorecidas pela reduzida base de comparação, as taxas mensais da Região foram positivas em quase todos os 5 primeiros meses de 2024, com exceção de março, -6,9%. A forte retração de março, contudo, tem influenciado o desempenho do setor no acumulado do ano até maio, que ficou no nível da estabilidade (0,4%). Já a indústria nacional acumulou crescimento de 2,5% no período, conforme dados do IBGE.

Na taxa anualizada, encerrada em maio, o desempenho da Região (-1,8%), apesar de negativo, foi melhor do que o referente a abril (-2,2%), sendo a segunda menor taxa do País (ganhando apenas do Rio Grande do Sul, -2,7%), e ainda em direção oposta ao avanço médio nacional (1,3%). Estes dados revelam as reduzidas taxas regionais observadas nos últimos 12 meses, em sua maioria abaixo do desempenho nacional e, conseqüentemente, a necessidade de maiores esforços locais, de forma a recuperar perdas.

Comparando com o nível de produção exatamente anterior à pandemia (fevereiro de 2020), a defasagem da indústria da Região diminuiu na passagem de abril para maio de 2024: a produção passou de 18,6% para 15,6% a menos do que o realizado antes da crise sanitária. Já em âmbito nacional, a produção, em maio de 2024, perdeu dinamismo em relação a abril e passou de 0,1% para 1,4% abaixo do registrado em fevereiro de 2020.

Análise do comportamento industrial regional

A taxa acumulada dos 5 primeiros meses de 2024 da indústria regional (0,4%) teria melhor resultado não fosse a forte retração na indústria extrativa (-20,7%). A Indústria de Transformação ficou positiva (1,4%), avançando em 10 de suas 14 atividades pesquisadas, com destaque para borracha e plástico (7,8%), derivados do petróleo (1,4%), alimentos (1,8%) e produtos de metal (16,9%). Já os recuos que mais impactaram foram metalurgia (-16,8%) e químicos (-3,8%) que têm forte peso na indústria local.

Desde junho de 2022 (-17,0%) vem ocorrendo retração mensal de 2 dígitos na indústria extrativa da Região. Ou seja, há 24 meses, este ramo de atividade, com importante participação na indústria do Nordeste, vem imprimindo intensas perdas e influenciando o resultado da indústria em geral. Por outro lado, a Indústria de Transformação que vinha também incorrendo em perdas significativas, registra resultados mensais positivos desde outubro de 2023 (3,3%), ou seja, praticamente 7 meses seguidos de taxas positivas, à exceção de março de 2024 (-6,5%).

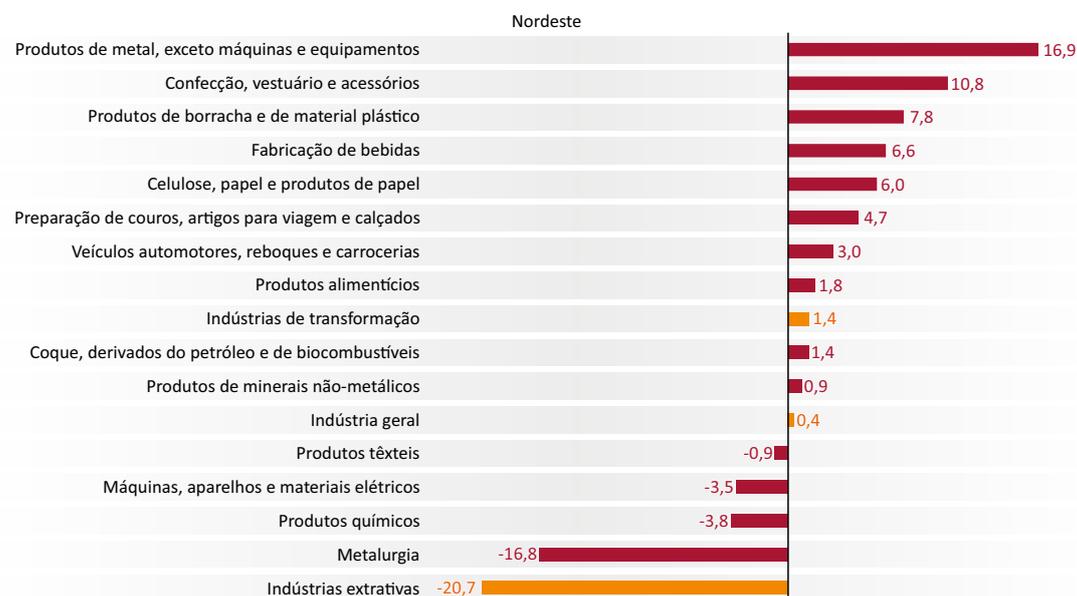
Conforme os resultados da pesquisa Sondagem Industrial da CNI que complementam a percepção sobre a indústria local, na passagem de abril para maio de 2024, houve manutenção do número de empregados e leve recuo na utilização da capacidade instalada/UCI (de 68% para 67%). Já as expectativas dos empresários do Nordeste intensificaram o otimismo, em junho de 2024, em todos os índices pesquisados: demanda, exportação, compra de matérias-primas e empregados. Adicionalmente, mantiveram a expectativa de investimento para os próximos 6 meses.

Tabela 1 – Taxa de crescimento da produção industrial (%) – Brasil e Nordeste – Mês de referência: maio de 2024

Locais	Maio 2024/ Abril 2024	Maio 2024/ Maio 2023	Acumulado Janeiro-Maio	Acumulado nos Últimos 12 Meses
Brasil	-0,9	-1,0	2,5	1,3
Nordeste	3,6	3,1	0,4	-1,8

Fonte: Elaboração BNB/Etene, com dados do IBGE (2024).

Gráfico 1 – Taxa de crescimento da produção industrial por seções e atividades (%) – Nordeste – Acumulado janeiro-maio de 2024 (Base: igual período do ano anterior)



Fonte: Elaboração BNB/Etene, com dados do IBGE (2024).

Desempenho fiscal do Governo Federal em maio de 2024

Os dados de execução orçamentária do Governo Central (Tesouro Nacional, Banco Central e Previdência Social), relativos a maio de 2024, divulgados pela Secretaria do Tesouro Nacional, mostram que o resultado primário do Governo Central, a preços correntes, foi deficitário em R\$ 61,0 bilhões, o segundo pior para esse mês, na série histórica iniciada em 1997, bem acima do déficit de R\$ 45,0 bilhões obtido em maio de 2023. Esse resultado foi decorrente do aumento expressivo das despesas públicas, por conta de alguns fatores como o pagamento do décimo terceiro do INSS e os gastos com a calamidade no Rio Grande do Sul.

Em termos reais, a receita líquida apresentou um desempenho positivo, com crescimento real de 9,0% (acréscimo de 19,2 bilhões sobre maio de 2023), mas foi insuficiente para compensar o avanço mais acelerado das despesas totais, cujo crescimento real alcançou 14% (aumento de R\$ 35,2 bilhões), quando comparadas a maio de 2023. No acumulado de janeiro a maio de 2024, o Governo Central registrou um déficit de R\$ 30,0 bilhões, frente a um superávit de R\$ 1,8 bilhão em 2023. Em termos reais, a receita líquida apresentou um aumento de R\$ 105,8 bilhões (crescimento real de 9,0%), enquanto as despesas totais aumentaram R\$ 137,6 bilhões (aumento real de 13,0%) nos cinco primeiros meses de 2024, quando comparadas ao mesmo período de 2023.

Esse resultado de maio, muda o quadro positivo das finanças públicas, observado nos primeiros quatro meses deste ano, quando o balanço fiscal do Governo Central mostrou um superávit primário de R\$ 30,6 bilhões. Um dos fatores que explicam o atual déficit é a falta de controle mais efetivo do Governo Federal sobre suas despesas, fato que tem gerado esse sistemático desequilíbrio orçamentário, que deverá impactar negativamente para o alcance das metas estabelecidas na Lei de Diretrizes Orçamentárias. Uma das maiores fontes de desequilíbrio está nos gastos com a Previdência, os quais seguem numa trajetória expansionista insustentável a longo prazo, absorvendo grande parte das despesas obrigatórias, cujo limite de crescimento total, sob o novo arcabouço fiscal, está limitado a 2,5% acima da inflação. Além disso, as despesas totais são influenciadas também pela política de valorização do salário-mínimo e pelos Benefícios de Prestação Continuada (BPC).

Do lado das receitas, a situação é mais confortável, pois o Governo Central vem registrando sucessivos aumentos de arrecadação, influenciados, principalmente, pela evolução positiva de vários indicadores que compõem o cenário macroeconômico, destacando-se o crescimento das vendas de bens e serviços e da produção industrial, como também a melhora no desempenho da arrecadação de tributos como o PIS/Cofins, devido ao retorno da tributação incidente sobre os combustíveis; a resiliência do mercado de trabalho, que vem estimulando a expansão da massa salarial, com reflexos positivos na arrecadação da Contribuição Previdenciária e do Imposto de Renda retido na Fonte – Trabalho; e a tributação de bens e direitos no exterior, por conta da atualização dos bens e direitos fora do País.

Apesar do bom desempenho arrecadatório, as expectativas sugerem a necessidade de um contingenciamento de despesas, como o mecanismo mais apropriado para o Governo segurar gastos para compensar a perda de arrecadação e evitar o estouro da meta fiscal. Seria uma forma de o Governo demonstrar simbolicamente o seu compromisso com a saúde das contas públicas. Para o mercado, esse contingenciamento deverá ficar entre R\$ 15 bilhões e R\$ 46 bilhões, de forma a cumprir o alvo no limite do déficit permitido pela banda de tolerância.

Com relação às contas do setor público consolidado (formado pela União, pelos estados, municípios e empresas estatais), os dados do Banco Central revelam um déficit primário de R\$ 63,9 bilhões em maio deste ano, equivalentes a 6,6% do PIB, sendo o maior rombo já registrado desde 2020, quando o déficit somou 22,8% do PIB, por conta do aumento das despesas necessárias para combater a pandemia da Covid-19. Esse saldo negativo em maio foi provocado pelo desempenho das contas do Governo Federal, que registrou déficit de R\$ 60,8 bilhões, bem como pelos estados e municípios, que, conjuntamente, tiveram saldo deficitário de R\$ 1,08 bilhão, e as empresas estatais, que apresentaram saldo negativo de R\$ 2,04 bilhões.

No acumulado deste ano, até maio, as contas públicas registraram um déficit de R\$ 2,6 bilhões, ou 0,06% do PIB, invertendo o resultado obtido no mesmo período do ano passado, quando as contas públicas tiveram um saldo positivo de R\$ 28,5 bilhões (0,65% do PIB). Vale lembrar que a meta fixada para 2024, pela Lei de Diretrizes Orçamentárias (LDO), é de um déficit de até R\$ 13,31 bilhões para as contas do setor público consolidado

(governo, estados, municípios e empresas estatais). Para o Governo Federal, a meta é zerar o déficit, mas há um intervalo de tolerância de 0,25 ponto percentual previsto no arcabouço fiscal, o que possibilita uma variação de até R\$ 28,75 bilhões, para cima ou para baixo, em relação ao objetivo. Assim, o Governo Federal poderá apresentar um déficit de até R\$ 42,07 bilhões sem que a meta seja formalmente descumprida.

Quando se incorporam os juros da dívida pública na conta, tem-se o resultado nominal, que é utilizado pelas agências de classificação de risco para definição da nota de crédito dos países, com vistas a orientar investidores internacionais. Tomando-se o período de 12 meses até maio de 2024, observa-se um déficit nominal de 1,06 bilhão nas contas do setor público, equivalente a 9,6% do PIB. As despesas com juros nominais nesse período somaram R\$ 781, 6 bilhões (7% do PIB). Com isso, a dívida do setor público consolidado registrou alta de 0,5 ponto percentual do PIB em maio, passando de 76,3% do PIB, em abril deste ano, para 76,8% do PIB em maio, alcançando o montante de R\$ 8,5 trilhões.

Tabela 1 - Resultado do Tesouro Nacional - Maio e Janeiro - Maio de 2024 (Milhões correntes)

Discriminação	Jan-Maio		Variação (2024/2023)		Maio		Variação (2024/2023)	
	2023	2024	% NOMINAL	% Real (IPCA)	2023	2024	% NOMINAL	% REAL (IPCA)
1. RECEITA TOTAL	977.737	1.105.136	13,00%	8,50%	186.432	209.907	12,60%	8,30%
2. TRANSF POR REPARTIÇÃO DE RECEITA	193.108	214.692	11,20%	6,80%	41.165	45.414	10,30%	6,20%
3. RECEITA LÍQUIDA (1-2)	784.629	890.443	13,50%	9,00%	145.267	164.493	13,20%	9,00%
4. DESPESA TOTAL	782.795	920.442	17,60%	13,00%	190.281	225.476	18,50%	14,00%
5. RESULTADO PRIMÁRIO GOV CENTRAL (3 - 4)	1.834	-29.998	-	-	-45.014	-60.983	35,50%	30,40%
Tesouro Nacional	115.164	123.441	7,20%	2,70%	-10.308	-84	-99,20%	-99,20%
Banco Central	-45	-117	157,20%	160,60%	-54	129	-	-
Previdência Social (RGPS)	-113.284	-153.322	35,30%	29,90%	-34.652	-61.027	76,10%	69,50%
6. RESULTADO PRIMÁRIO/PIB	0,00%	-0,60%	-	-	-5,00%	-6,30%	-	-

Fonte: Secretaria do Tesouro Nacional – STN

Tabela 2 – Necessidades de financiamento do setor público (Fluxos acumulados no ano) - Janeiro a Maio de 2024 - R\$ milhões

DISCRIMINAÇÃO	JANEIRO-MAIO				FLUXOS MENSAIS		
	2023	% do PIB	2024	% do PIB	MAR.-24	ABR.-24	MAIO.-24
Nominal	268 066	6,11	362 501	7,83	62 981	69 638	138 256
Governo Central	250 404	5,70	349 759	7,55	57 129	60 218	127 314
Governos estaduais	17 002	0,39	1 507	0,03	2 532	5 746	6 255
Governos municipais	-3 590	-0,08	4 761	0,10	2 523	2 488	2 232
Empresas estatais	4 250	0,10	6 474	0,14	798	1 185	2 455
Juros nominais	296 596	6,76	359 926	7,77	64 158	76 326	74 361
Governo Central	254 557	5,80	319 308	6,90	55 230	68 981	66 536
Governos estaduais	38 145	0,87	35 232	0,76	7 886	6 337	6 814
Governos municipais	1 485	0,03	3 159	0,07	587	521	595
Empresas estatais	2 409	0,05	2 227	0,05	455	488	416
Primário	-28 529	-0,65	2 575	0,06	-1 177	-6 688	63 895
Governo Central	-4 153	-0,09	30 451	0,66	1 898	-8 762	60 778
Governos estaduais	-21 143	-0,48	-33 726	-0,73	-5 354	- 591	- 559
Governos municipais	-5 075	-0,12	1 602	0,03	1 936	1 967	1 637
Empresas estatais	1 842	0,04	4 247	0,09	343	698	2 039
PIB acumulado no ano*	3 487 372	-	3 713 828	-			

Fonte: Bacen.

* Dados preliminares.

(+) déficit (-) superávit

Agenda

Próximas Divulgações

segunda-feira, 5 de agosto de 2024

Relatório Focus

terça-feira, 6 de agosto de 2024

Ata da Reunião do Copom

quarta-feira, 7 de agosto de 2024

Estatísticas do Valores a Receber

Reunião do GRC

quinta-feira, 8 de agosto de 2024

Censo Demográfico 2022: Registros de nascimentos: Resultados do universo

Pesquisa Industrial Mensal: Produção Física - Regional

sexta-feira, 9 de agosto de 2024

Índice Nacional de Preços ao Consumidor

Índice Nacional de Preços ao Consumidor Amplo

Sistema Nacional de Pesquisa de Custos e Índices da Construção Civil